

AS PALAVRAS PROPAROXÍTONAS NO FALAR DE FORTALEZA

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará

1. INTRODUÇÃO

A descrição da língua portuguesa em suas variantes diatópicas e diastráticas, nos vários níveis de análise lingüística, desde o fonético-fonológico, ao léxico, ao morfo-sintático, até o semântico, é tarefa das mais importantes e das mais urgentes, para que se tenha um retrato fiel da língua portuguesa falada e escrita em nosso país.

Apesar de muitos trabalhos já realizados no nível fonético-fonológico, sobre vários falares regionais da língua portuguesa do Brasil, muito ainda precisa ser feito a fim de que se possa estabelecer uma norma ou normas dos aspectos fonético-fonológicos de nossa língua.

As pesquisas realizadas para a elaboração dos Atlas Lingüísticos já publicados em nosso país: Atlas Prévio dos Falares Baianos, Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais, Atlas Lingüístico da Paraíba, Atlas Lingüístico de Sergipe e Atlas Lingüístico do Paraná, já nos dão uma visão bastante ampla do que ocorre nesses estados e nessas regiões, em termos fonético - fonológicos.

Contudo, muitos dos materiais colhidos nessas pesquisas ainda estão à espera de análise e de divulgação e, ainda, não se têm feito análises comparativas dos fenômenos estudados, de sua ocorrência e de seu comportamento em estados e regiões diferentes.

A nível de Nordeste, até a segunda metade dos anos sessenta e início dos anos setenta, os estudos lingüísticos são poucos e em grande parte levados a efeito sem objetivos específicos bem definidos e metodologia adequada.

Muitos trabalhos, além de imprecisos quanto à delimitação do *corpus*, apresentam problemas metodológicos relativos à própria análise do material coletado. Na maioria deles, são considerados apenas alguns níveis de análise. E esta não é exaustiva em cada um dos aspectos sob os quais poderia ser levada a efeito.

Sob o aspecto fonético-fonológico, por exemplo, não foram estabelecidos os quadros dos fonemas, das variantes e da combinatória de fonemas em estruturas silábicas.

Isto não quer dizer, entretanto, que todos os trabalhos até então efetuados no Nordeste pequem por absoluta ausência de rigor científico. Há trabalhos realizados com base em pesquisa de campo, com *corpus* bem delimitados, em que são considerados não só os aspectos puramente lingüísticos mas, também, os aspectos sócio e etnolingüísticos.

Outro problema quanto aos trabalhos realizados no Nordeste é sua pouca divulgação. Muitas vezes, são conhecidos apenas na instituição onde são realizados, não passando, sequer, para outras instituições do mesmo Estado.

Sentindo essa carência no que diz respeito ao estado do Ceará, começando-se por sua capital, Fortaleza, é que nos propusemos a realizar, entre outras, a pesquisa “O Uso das Proparoxítonas no Falar de Fortaleza”, utilizando, para isso, o *corpus* colhido na pesquisa “Dialeto Sociais Cearenses”.

Não há, que seja de nosso conhecimento, qualquer trabalho nesse sentido com um *corpus* colhido em Fortaleza, o que nos permitirá um trabalho original e da maior importância para um maior e melhor conhecimento da língua não-padrão falada nessa capital.

A pesquisa “Dialeto Sociais Cearenses” possui um *corpus* gravado, com o controle técnico-científico de todas as variáveis que possam influir quer lingüística, quer sociolingüísticamente nos seus resultados. Com base nesse *corpus* há, até o momento, apenas seis trabalhos realizados: “Marcadores Conversacionais Dialectais: Dêiticos Discursivos e Sociais na Fala Cearense”, de José Carlos Gonçalves; “Enfraquecimento das Fricativas Sonoras” e “As Negativas na Fala Cearense”, de Cláudia Nívea Roncarati de Souza; “Marcadores Conversacionais na Fala Cearense”, de Maria Izabel S. Magalhães; “A Linguagem Falada em Fortaleza - Diálogos entre Informantes e Documentadores: Materiais para Estudo, sob a coordenação de Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares e “A Despalatalização no Falar de Fortaleza”, de Maria do Socorro Silva de Aragão.

O *corpus* pode e deve, portanto, ser utilizado para outros tipos de análises.

Os resultados advindos desse tipo de pesquisa podem ser os melhores possíveis não só para a descrição e conhecimento do falar cearense, mas, principalmente, para serem utilizados didática e pedagogicamente no ensino da Língua Portuguesa, na alfabetização e em classes de 1º Grau.

Material didático e paradidático para esse nível de aluno, preparado com bases fonético-fonológicas, sem dúvida atingirá muito mais facilmente os alunos, uma vez que pode partir de seu universo sócio-lingüístico-cultural.

O presente trabalho é um dos resultados da pesquisa “O Uso das Proparoxítonas no Falar de Fortaleza”, que faz parte de uma grande linha de pesquisa sobre os Dialeto Sociais Cearenses, do Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa da Universidade Federal do Ceará.

A tradição gramatical utilizada pela língua culta, distingue, nitidamente, palavras proparoxítonas das paroxítonas. Contudo, trabalhos específicos sobre o uso das proparoxítonas na linguagem não-padrão, demonstram uma tendência para a modificação dessa tradição.

Embora quantitativamente sejam menos numerosas que as paroxítonas e oxítonas, no acervo lexical do Português, as proparoxítonas têm merecido atenção especial dos estudiosos da Língua Portuguesa.

Ao analisarmos, mesmo numa fase preliminar, o *corpus* do projeto Dialetos Sociais Cearenses, percebemos essa tendência, que um *corpus* mais amplo poderá confirmar ou não, do pouco uso das proparoxítonas pelos falantes do português não-padrão da cidade de Fortaleza, Ceará.

Esses falantes, num processo normal de economia da linguagem, transformam as palavras proparoxítonas em paroxítonas, acarretando, deste modo, uma redução das proparoxítonas nesse registro de fala.

Questões diversas são colocadas quanto às causas dessa transformação. Seriam apenas fonético-fonológicas ? Léxicas ? Morfológicas ? Teriam implicações diatópicas ou diastráticas?

Esses são aspectos que nos levam a ir mais profundamente ao assunto, em projeto que estamos iniciando na Universidade Federal do Ceará.

A análise aqui apresentada foi feita com uma amostragem de seis entrevistas. Nela, procuramos descrever e analisar a realização de palavras proparoxítonas e sua transformação em paroxítonas no português não-padrão falado em Fortaleza, em seus aspectos fonético-fonológicos, correlacioná-las com os contextos lingüísticos em que foram produzidas, e, de forma ainda não tanto profunda, estudar as implicações sociolingüísticas de tais usos.

2. A SITUAÇÃO DO CEARÁ

O Ceará tem uma grande tradição de estudos lingüísticos, especialmente no campo da dialetologia, da sociolingüística e da lexicografia, com alguns trabalhos específicos na área da fonética e da fonologia.

Tais trabalhos, na grande maioria, foram feitos por pesquisadores que, apesar da qualidade e do pioneirismo de seus trabalhos, não seguiram uma metodologia científica que nos assegure sua pertinência, como bem frisa MONTEIRO (1988-90:69):

“ O que há, na verdade, é uma falta de divulgação de uma série de estudos bem intencionados, embora nem sempre realizados com rigor científico ”.

Ao estudar as fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense, MONTEIRO (1988-90:70) classifica-as nas seguintes categorias:

“a) pesquisas sobre o português do Brasil; b) estudos sobre o folclore cearense; c) obras de caráter regionalista; d) textos de cantadores e poetas populares; e) ensaios e estudos sobre o falar cearense; f) dicionários de termos populares”.

Aqui apenas faremos referências aos trabalhos listados no item ensaios e estudos sobre o falar cearense. Neste aspecto nomes como Martins de Aguiar (Fonética do Português do Ceará In: Repasse Crítico da Gramática Portuguesa); Antônio Sales (O falar Cearense) e Florival Seraine (Contribuição ao Estudo da Pronúncia Cearense In: Estudos Cearenses; Introdução ao Atlas Lingüístico e Folclórico do Ceará; Relações Entre Níveis de Norma na Fala Atual de Fortaleza; A Relação do Maranhão do Padre Luís Figueira, entre outros), surgem como precursores dos estudos lingüísticos, especialmente os fonéticos, do falar do Ceará.

Num passado mais recente surgem as dissertações de Mestrado e outros trabalhos de professores e pesquisadores das Universidades Federal e Estadual do Ceará, abordando aspectos variados do português padrão e não-padrão do Ceará. Entre eles destacaríamos José Rebouças Macambira, Hamilton Cavalcante, José Lemos Monteiro e Antônio Luciano Pontes.

Atualmente, projetos como o do Atlas Lingüístico do Ceará, o da Norma Urbana Culta de Fortaleza, o do Português Não-padrão do Ceará e o dos Dialetos Sociais Cearenses, entre outros e as novas Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado de professores e alunos das Universidades Federal e Estadual do Ceará, têm estudado aspectos específicos, não apenas fonéticos mas também léxicos e morfo-sintáticos do português culto e popular do Ceará, utilizando as mais diferentes correntes da lingüística moderna.

Concordamos, portanto com MONTEIRO (1988-90 :87) quando diz:

“... somos de opinião que o Ceará já conta com um número apreciável de fontes bibliográficas para estudos e descrições lingüísticas”.

3. AS PROPAROXÍTONAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

As gramáticas normativas da língua portuguesa apresentam o estudo das proparoxítonas como o daquelas palavras cujo acento recai na antepenúltima sílaba, como em *pássaro, cálice, útero estômago*, por exemplo, não havendo qualquer referência, ou não levando em conta que na realização falada, concreta, essas palavras podem perder o caráter de proparoxítonas, passando a paroxítonas, ao serem pronunciadas como: *pássaro* ['pasu]; *cálice* ['kalis]; *útero* ['ut'vu] e *estômago* [iΣ'tâmu].

Nas gramáticas por nós consultadas, somente a de MATEUS et al. (1983:515) faz uma referência, em nota de rodapé, reconhecendo que apesar de serem “verdadeiras exceções” essas palavras podem vir a ser normalizadas. Em suas palavras:

“... A normalização dessas formas, levando à acentuação da última vogal do radical, manifesta-se em certos registros de língua, com a alteração de algumas palavras excepcionais que passam a regulares(exs: 'árvores / 'arves; qui'lómetro / qui'lontro) e com a hesitação na pronúncia de outras (exs: 'rúbrica / ru'brica; oce'ânia / ocea'nia)”.

Assim, a realização paroxítona de palavras proparoxítonas é vista pela gramática normativa, no mínimo, como excepcional, sem que se faça qualquer referência às causas lingüísticas e/ou extralingüísticas que determinam esse fenômeno.

Talvez por ser essa realização uma marca sociolingüística denotadora da linguagem popular e/ou regional, se possa explicar a falta desse estudo nas gramáticas do padrão culto de nossa língua.

Com efeito, os estudiosos do assunto consideram, como HEAD (1986:38) que:

“ A troca de formas proparoxítonas por paroxítonas é uma das características da linguagem popular mencionadas com freqüência nos estudos sobre dialetos regionais no Brasil”.

Para confirmar sua afirmação cita ele uma série de autores como MARROQUIM (1945:102); AMARAL (1920:29); TEIXEIRA (1938:29); SERAINE (1938:468-469); PENHA (1976); TRIGUEIROS (1977); AZEVEDO (1980:53-54); ARAGÃO e MENEZES (1984), em que todos eles fazem estudos de falares regionais: Pernambuco e Alagoas, São Paulo, Goiás, Ceará, Minas Gerais, Maranhão e Paraíba.

Contudo afirma ele que:

“ Não se deve considerar a troca de formas proparoxítonas por paroxítonas como característica da linguagem popular só do meio rural...”(1986:39)

citando o caso do trabalho de NASCENTES (1922:42) sobre *O Linguajar Carioca* em que o autor dá vários casos dessa passagem proparoxítonas / paroxítonas, na zona urbana do Rio de Janeiro. LEMLE (1975: 65-66) também confirma casos semelhantes no falar popular do Rio de Janeiro, sugerindo pesquisas mais abrangentes.

A primeira questão que se coloca é: a passagem das proparoxítonas para paroxítonas é uma marca de falares regionais?

HEAD ao analisar o problema no Atlas Prévio dos Falares Baianos chega à conclusão de que o fato não pode ser considerado puramente diatópico, ao dizer:

“... portanto, não se pode considerar que, em geral, a ocorrência das variantes proparoxítonas e paroxítonas obedeça a um condicionamento geográfico”. (1986:47).

A conclusão semelhante chega AGUILERA (1995: 812), no falar paranaense, quando afirma:

“... Este fato corrobora a hipótese de que o fator geográfico não é determinante da freqüência de uso de proparoxítonas ou de paroxítonas”.

Visto que o uso de proparoxítonas e proparoxítonas não tem relação com a variação geográfica, nesses dois casos, parte-se para a questão seguinte que é a de se saber se esse tipo de uso é marca sociolingüística, relacionada com o sexo, a faixa etária ou o grau de escolaridade dos falantes.

Ao analisarem o fator sexo, em seus trabalhos, HEAD e AGUILERA chegaram a resultados um pouco diferentes, uma vez que o primeiro encontrou um percentual elevado de manutenção da proparoxítona nos falantes do sexo feminino, enquanto que AGUILERA encontrou essa mesma tendência apenas na articulação das palavras *amígdalas e eucalípto*, dizendo que com apenas estes exemplos:

“...não se pode confirmar a hipótese de que a preferência por proparoxítonas ou proparoxítonas esteja relacionada ao fator sexo”. (1995: 813).

O próximo passo no estudo dos fatores sociolingüísticos analisados foi o referente ao grau de escolaridade dos informantes.

Em sua análise do APFB, HEAD chegou à conclusão de que dos falantes analfabetos apenas 22% usaram as proparoxítonas, em oposição aos alfabetizados, que usaram um percentual de 50% dessa estrutura acentual.

No caso do ALPR há a confirmação desse fato, no dizer categórico de AGUILERA (1995:816):

“Pode-se afirmar com certeza que, dos fatores extralingüísticos testados, o grau de escolaridade tem uma ampla influência na escolha entre realizações proparoxítonas e proparoxítonas, comprovado pela preferência de 62% dos escolarizados por formas proparoxítonas e 64% dos não escolarizados pelas proparoxítonas”.

A partir dessas constatações pode-se prosseguir no estudo, agora, dos condicionantes lingüísticos do uso ou não das proparoxítonas, ou seja, essa variação tem base intralingüística? É o que veremos a seguir.

Alguns autores consideram, como SAID ALI (1964:26) que o problema das proparoxítonas *versus* proparoxítonas está relacionado às mudanças fonéticas sofridas pelo latim na sua passagem para o português. Um dos fatos apontados por ele é o caso da sonoridade da vogal tônica que, nessa passagem pode se refletir sobre a consoante da sílaba final, sem interferir, em alguns casos, noutros interferindo na consoante seguinte. Em suas palavras:

“Nos vocábulos esdrúxulos a sonoridade da vogal tônica refletiu-se sobre a consoante da sílaba final, ora deixando intacta a consoante mais próxima, como hétego (de hecticu), ora abrangendo-a igualmente, como em padroádigo...Dêste processo do português antigo subsistem ainda clérigo (de cléricu), cônego (de canonicu), estômago (de stomachu), pêssego (de persicu), ... e poucos mais”.

Há, ainda outros casos como a queda da vogais e consoantes postônicas, a queda da vogal átona final, entre outros fenômenos considerados como exemplos de evolução e mudança fonética.

Ao comentar o caso das proparoxítonas, em termos intralingüístico e de estruturação sincrônica, no APFB, HEAD diz que apesar das variações, o núcleo silábico permanece o mesmo e que é apenas na redução das sílabas postônicas onde reside a diferença entre o uso das proparoxítonas e das paroxítonas.

Tal fato se comprova, também, nos estudos das proparoxítonas no Atlas Lingüístico da Paraíba, onde todas as variações, neste aspecto, ocorrem nas sílabas postônicas, como se pode ver nos exemplos abaixo:

cérebro ['sɛbʋi], ['sɛbu], ['sɛwbu]
córrego ['k |gu], ['k |gu]
útero ['utʋɛ], ['utʋi], ['utʋu]
estômago [iΣ 'tõbu], [iΣ 'tãbu], [iΣ 'tãmu]
fígado ['figu]
rótula [' |tu], [' |ta]
árvore ['avʋi], ['a |vi], ['awvis], ['awvʋi], [' a |vʋi]
espírito [is'pʋitu], [is'pi |tu], [is'piwtu]

Já LEMLE (1975: 65-66) cita quatro casos em que o aspecto morfofonêmico, no caso, a síncope, é importante para a explicação da variação lingüística quanto ao uso das proparoxítonas. Em suas palavras:

“ ... uma tendência a serem reduzidas a paroxítonas as palavras de acentuação proparoxítona, por perda de um ou mais de um segmento fonético ”

Ela lista esses fatores:

“1. perda de vogal pos-tônica: cócega - cosca; abóbora - abobra; chicara - chicra.... 2. perda da vogal pos-tônica. e perda da consoante que a segue: árvore - arvre, arve; óculos - oculos, ocos; Petrópolis - Petróplis, Petrópis. 3. Perda da vogal pós-tônica e da consoante seguinte: lâmpada - lampa; sábado - sabo; fígado - figo; bêbado - bebo; almôndega - almonda. 4....palavras não propensas à supressão: trágico, prático, romântico, elétrico, cínico....”

A partir desses estudos, do falar da Bahia e do Paraná, de modo mais profundo e de indicações de estudos em outros estados, nosso objetivo é o de pesquisar como se comportam as proparoxítonas na linguagem não-padrão da cidade de Fortaleza.

4. O USO DAS PROPAROXÍTONAS NO FALAR DE FORTALEZA

4.1. O Corpus da Pesquisa

O *corpus* utilizado para a pesquisa “O Uso das Proparoxítonas no Falar de Fortaleza” é, como frisamos anteriormente, o colhido pela pesquisa “Dialeto Sociais Cearenses” e foi obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e interação médico-paciente. A amostra relativa às entrevistas foi organizada de acordo com a metodologia variacionista, levando em consideração as seguintes variáveis:

4.1.1. Localidades: Bairros de Fortaleza

- a) Serrinha
- b) Maracanaú
- c) Parquelândia
- d) Montese
- e) Conjunto Esperança
- f) Nova Assunção
- g) João XXIII
- h) Damas
- i) Quintino Cunha
- j) Ellery
- l) Henrique Jorge

4.1.2. Sexo

- a) Masculino
- b) Feminino

4.1.3. Faixa Etária

- a) 10-11 anos - (início da vida escolar - séries iniciais do 1º Grau)
- b) 14-15 anos - (término do 1º Grau - 5ª a 8ª séries)
- c) 18-25 anos - (término do 2º Grau e início da integração no mercado de trabalho)
- d) 37-43 anos - (integração ao mercado de trabalho)

4.1.4. Grau de Instrução

- a) analfabeto
- b) Primário
- c) Ginásio
- d) 2º Grau

4.1.5. Classe Social

4.1.5.1. Classe Social B (média)

- a) Tem casa própria confortável
- b) Tem carro
- c) Lê jornal, revista
- d) Tem alguma atividade intelectual
- e) Renda familiar acima de 5 salários mínimos

4.1.5.2. Classe Social C (baixa)

- a) Não tem casa própria
- b) Não tem carro
- c) Não lê jornal, revista

- d) Não tem atividade intelectual
- e) Renda familiar até 3 salários mínimos

A amostra inicial prevista para setenta e duas entrevistas reduziu-se, por uma série de fatores, a dezoito entrevistas, das quais treze foram transcritas na primeira fase do projeto, e cinco na segunda fase. Dessas entrevistas transcritas e que fazem parte do banco de dados publicado sob o título “*A Linguagem Falada em Fortaleza - Diálogos Entre Informantes e Documentadores - Materiais para Estudo*”, pela Universidade Federal do Ceará, utilizamos como amostragem para este trabalho apenas seis entrevistas.

4.2. A Amostragem Analisada

A amostragem aqui analisada é constituída do seguinte modo:

- a) Informante 01
 - Sexo = feminino
 - Faixa Etária = 10-11 anos
 - Grau de Instrução = Primário
 - Classe Social = C

- b) Informante 02
 - Sexo = masculino
 - Faixa Etária = 10-11 anos
 - Grau de Instrução = Primário
 - Classe Social = C

- c) Informante 03
 - Sexo = masculino
 - Faixa Etária = 14-15 anos
 - Grau de Instrução = Ginásial
 - Classe Social = B

- d) Informante 04
 - Sexo = feminino
 - Faixa Etária = 14-15
 - Grau de Instrução = Ginásial
 - Classe Social = B

- e) Informante 05
 - Sexo = masculino
 - Faixa Etária = 18-25 anos
 - Grau de Instrução = 2º Grau
 - Classe Social = B

- f) Informante 06
 - Sexo = feminino
 - Faixa Etária = 18-25 anos

- Grau de Instrução = 2º Grau
- Classe Social = C

4.3. Análise Qualitativa

4.3.1. Análise Lingüística

A partir de um *corpus* de 18 entrevistas realizadas por pesquisadores do Projeto de Pesquisa Dialetos Sociais Cearenses, com informantes de 11 bairros de Fortaleza, por faixas etárias que vão de 10 a 40 anos, homens e mulheres, com níveis de escolaridade entre o 1º e 2º Graus, de classe média e baixa e de profissões variadas, utilizamos uma amostragem de seis informantes para um estudo do uso das proparoxítonas naquela capital.

O estudo do uso das proparoxítonas tem sido feito em outros estados, com *corpus* semelhante ao nosso e com análises que seguem a mesma linha. Entre esses trabalhos podemos destacar o de HEAD (1986): *O destino de palavras proparoxítonas na linguagem popular*, a partir do Atlas Prévio dos Falares Baianos, e AGUILHERA (1995): *As proparoxítonas na linguagem popular e rural paranaense*, a partir do Atlas Lingüístico do Paraná, entre outros, que tratam do assunto sem tanta profundidade.

Nesses trabalhos observa-se que o uso das proparoxítonas como paroxítonas está sempre relacionado, além dos aspectos evolutivos, de mudança fonética a partir do latim, a fatos puramente fonéticos, de queda de vogais e consoantes postônicas, queda das vogais átonas finais e conseqüente redução de sílabas postônicas, relaciona-se, também, a fatores sociais e geográficos, sendo considerados diastráticos, uma vez que se diz que esses fenômenos ocorrem com falantes de pouca escolaridade, e diatópicos, já que ocorrem em falantes da zona rural ou de regiões mais atrasadas.

Esta última afirmação não se confirmou nos dois principais trabalhos analisados: HEAD e AGUILERA, tendo se confirmado os fatos fonéticos sincrônicos e a variante social de grau de escolaridade.

Nosso objetivo ao estudar o fenômeno no falar de Fortaleza é o de descrever e analisar o uso das proparoxítonas, relacionando-as aos contextos lingüísticos e aos contextos sociolingüísticos em que ocorrem, ao mesmo tempo em que tentaremos estabelecer correlações entre os fatores indicados para outras regiões e a região cearense.

As primeiras análises indicam alguns fatos como os mostrados a seguir:

4.3.1.1. Manutenção da Proparoxítona

Algumas palavras, mesmo com falantes pouco escolarizados são articuladas com a manutenção da proparoxítona:

“drácula” [‘dʋakula]
“fábrica” [‘fabʋika]

“crônica”	[‘kʋônika]
“ótima”	[‘ tima]
“médico”	[‘mɛdiku]

4.3.1.2. Queda de Vogal e Consoante Postônicas

Em muitos dos vocábulos há a queda de vogais e consoantes postônicas, sem qualquer marca de que vogal ou consoante possa ser apagada:

“árvore”	[‘a vi]	[√]
“técnica”	[‘tɛkna]	[ik]
“sábado”	[‘sabu]	[ad]
“pássaro”	[‘pasu]	[a√]

4.3.1.3. Queda da Vogal Postônica

Acontece, também, de a vogal postônica ser apagada, como nos casos de:

“música”	[‘muska]	[i]
“química”	[‘kîmka]	[i]
“túmulu”	[‘tûmlu]	[u]
“pássaro”	[‘pas√u]	[a]
“tóxico”	[‘t Σku]	[i]
“péssimo”	[‘pɛsmu]	[i]
“física”	[‘fiska]	[i]
“ótima”	[‘ tma]	[i]

4.3.1.4. Queda da Vogal Tônica

Embora não tenha ocorrido com muita freqüência, ocorreu, em único caso, a queda da vogal tônica:

“espírito”	[‘is’p√itu]	[i]
------------	---------------	-------

4.3.1.5. Apagamento da Sílabas Postônica Medial

Pode ocorrer, também, o apagamento da sílabas postônica medial como em:

“bêbado”	[‘bebu]	[ba]
----------	-----------	--------

4.3.1.6. Apagamento da Sílabas Final

Pode ocorrer o apagamento da sílabas final como nos exemplos:

“médico”	[‘mɛdi]	[ku]
“matemática”	[mate’mati]	[ka]
“espetáculo”	[ispe’taku]	[lu]

4.3.1.7. Semivocalização da Consoante Nasal /j/

“ônibus” [‘ôjbus]

4.3.1.8. Semivocalização de Sílabas Mediais

“pílula” [‘piwla]

4.3.2. Análise Dialetal

No estudo da variação regional, a partir da análise de trabalhos dialetais sobre o uso das proparoxítonas, especialmente aqueles de HEAD (1986) e AGUILERA (1995) e das referências feitas por eles a outros estudos em que este assunto é tratado, pode-se afirmar que a manutenção ou não das proparoxítonas não é um caso de variação regional, uma vez que é encontrada em diferentes regiões do país, em áreas rurais e urbanas.

4.3.3. Análise Sociolinguística

Dentre os aspectos sociolinguísticos por nós analisados destacamos os referentes à faixa etária, ao sexo e ao grau de escolarização dos informantes.

4.3.3.1. Variação Quanto à Faixa Etária

Com relação às faixas etárias dos informantes, percebe-se que as diferenças são pequenas, especialmente quanto aos percentuais de variação. Tal fato talvez se explique pelo pequeno intervalo entre as faixas: 10-11; 14-15; 18-25, que assim foram escolhidas por motivos específicos da pesquisa para a qual este *corpus* foi colhido. Assim, a faixa de 14 a 15 anos foi a que apresentou maior índice de não manutenção das proparoxítonas, num total de 49 ocorrências, 36 não mantiveram as proparoxítonas, enquanto que apenas 13 as mantiveram. Na faixa seguinte, de 18 a 25 anos, num total de 35 ocorrências, 24 não mantiveram as proparoxítonas e 11 as mantiveram. Finalmente a faixa de 10 a 11 anos, a que apresentou menor ocorrência, os números indicam que num total de 23 ocorrências, 17 eliminaram as proparoxítonas e 06 as mantiveram. Contudo, em termos percentuais, essas diferenças praticamente desaparecem. Ver Quadro II.

4.3.3.2. Variação Quanto ao Sexo

Apesar de pequena, há uma diferença entre o uso das proparoxítonas, em lugar das proparoxítonas, pelas mulheres em relação aos homens, uma vez que elas apresentam um percentual de uso mais elevado. Num total de 63 ocorrências as mulheres modificam as proparoxítonas 45 vezes contra 18 manutenções das mesmas. Quanto aos homens, num total de 43 ocorrências, 30 modificam as proparoxítonas enquanto que 13 as mantêm. Ver Quadro III.

4.3.3.3. Variação Quanto ao Grau de Escolarização

No estudo dos fatores relacionados ao grau de escolarização dos informantes os números indicam que também nesse caso não se pode falar de uma influência que possa ser dita como definidora uma vez que os dados não são coerentes com o que se esperaria ocorrer, ou seja, à medida que se aumentasse o nível de instrução haveria a manutenção das proparoxítonas. Embora os informantes apenas com o curso primário efetivamente apresentem uma variação significativa em relação àqueles que têm o curso ginásial, tal tendência não se confirma com os informantes que têm o segundo grau. Assim dos de primário, num total de 23, 06 mantêm as proparoxítonas e 17 não as mantêm. Os de ginásio, num total de 49, 13 mantêm as proparoxítonas contra 24 que não as mantêm, mas os de 2º grau, num total de 35, 11 mantêm as proparoxítonas, enquanto que 24 as trocam por paroxítonas. Contudo, em termos de percentuais, se juntarmos os resultados dos informantes com o ginásio e com o segundo grau, essa diferença se torna bastante significativa: cerca de 23% de manutenção, contra apenas cerca de 6% dos menor grau de escolarização. Ver Quadro IV.

4.4. Análise Quantitativa

A amostragem por nós estudada compõe-se de 41 vocábulos com uma ocorrência de 107 casos. Os vocábulos de maior freqüência estão no quadro seguinte:

QUADRO I

Vocábulos de Maior Freqüência

Vocábulos	Ocorrências Total	Proparoxítonas		Paroxítonas	
		Total	%	Total	%
Ônibus	11	-	0	11	100
Música	09	-	0	09	100
Ótima	08	08	100	-	0
Pássaro	07	-	0	07	100
Médico	06	04	66,66	02	33,33
Crônica	04	04	100	-	0
Química	04	-	0	04	100
Bêbado	03	-	0	03	100
Fábrica	03	03	100	-	0
Lógico	03	-	0	03	100
Político	03	03	100	-	0

QUADRO II

Varição Quanto à Faixa Etária

Faixa Etária	Total de Ocorrências	Mantém as Proparoxítonas		Não Mantém as Proparoxítonas	
		Total	%	Total	%
10 - 11	23	06	26,08	17	73,91
14 - 15	49	13	26,53	36	73,46
18 - 25	35	11	31,42	24	68,57

QUADRO III

Varição Quanto ao Sexo

Sexo	Total de Ocorrências	Mantém as Proparoxítonas		Não Mantém as Proparoxítonas	
		Total	%	Total	%
Feminino	63	18	28,57	45	71,42
Masculino	43	13	30,23	30	69,76

QUADRO IV

Varição Quanto ao Grau de Instrução

Grau de Instrução	Mantém as Proparoxítonas		Não mantém as proparoxítonas		Total de Ocorrências
	Total	%	Total	%	
Primário	6	5,60	17	15,88	107
Ginásio	13	12,14	36	33,64	107
2º Grau	11	10,28	24	22,42	107
Total	30	28,02	77	71,94	107

5. CONCLUSÕES

As primeiras análises realizadas, com a amostragem do *corpus*, indicam tendências, que poderão ou não ser confirmadas com um *corpus* mais amplo ou diferente, colhido com objetivos marcadamente fonético-fonológicos, com informantes de características semelhantes. Encontramos os seguintes fatos:

5.1. Variantes Lingüísticas

- a) Manutenção da Proparoxítona
- b) Queda de Vogal e Consoante Postônicas
- c) Queda da Vogal Postônica
- d) Queda da Vogal Tônica
- e) Apagamento da Sílabas Postônica Medial
- f) Apagamento da Sílabas Final
- g) Semivocalização da Consoante Nasal / ʃ /
- h) Semivocalização de Sílabas Medial

5.2. Variante Diatópica

Confirmando trabalhos anteriores, não acreditamos que o uso de paroxítonas por proparoxítonas seja de caráter regional, uma vez que outras regiões do país apresentam o mesmo fenômeno, retirando, assim, a indicação que seja típico de falar regional.

5.3. Variantes Diastráticas

Com relação aos aspectos sociolinguísticos da manutenção ou não das proparoxítonas, como marca de faixa etária e sexo, também aqui se confirmam os estudos de HEAD e AGUILERA, no sentido de que a influência é mínima, embora no caso do Ceará, os informantes do sexo feminino tenham um percentual de manutenção um pouco maior que os do sexo masculino. Essa tendência necessita confirmação em *corpus* maior ou diferente.

No caso do grau de escolaridade dos informantes, a relativa uniformidade de escolarização dos informantes, primário, ginásial e 2º grau deixa margem a algumas dúvidas, embora ao se juntarem os dois níveis mais altos de escolaridade, em oposição ao menor, o percentual seja bastante significativo.

Concluindo, acreditamos que os dois mais importantes fatores que determinam a variação das proparoxítonas como paroxítonas, no falar não-padrão de Fortaleza, sejam, em ordem de prioridade, os fatores linguísticos, fonético-fonológicos e, logo a seguir, o grau de escolaridade dos informantes.

6. BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Martins de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LI, anno LI, Fortaleza, 1937.

- AGUILERA, Vanderci A. As proparoxítonas na linguagem popular e rural paranaense . ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL IX. *Anais. Lingüística*, vol.2. João Pessoa: ANPOLL, 1995.
- _____. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. et MENEZES, Cleusa P.B. de. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: CNPq/UEPB, 1984, v.1 e 2.
- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. et SOARES, Maria Elias (orgs.) *A linguagem falada em Fortaleza - Diálogos entre informantes e documentadores - materiais para estudo*. Fortaleza: UFC, 1996.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- ELIA, Sílvio E. *A unidade lingüística do Brasil - condicionamentos geo-econômicos*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- HEAD, Brian F. O destino das palavras proparoxítonas na linguagem popular. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E BILINGÜISMO NA REGIÃO SUL, 4, Porto Alegre, 1985. *Anais*. Porto Alegre: UFRS, 1986.
- LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*, 53/54. Rio de Janeiro: 1975, p. 60 a 94.
- MATEUS, M. Helena M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Almedina, 1983.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1981
- MONTEIRO, José Lemos. Fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense. *Revista da Academia Cearense de Língua Portuguesa*. Fortaleza, anos 9-11, n. 9, p. 68-94, 1988-1990.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1984.
- SERAINE, Florival. Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza. In: SERAINE, Florival. *Linguagem e cultura - estudos e ensaios*. Fortaleza: Secretaria _____ . *Dicionário de termos populares* (registrados no Ceará). Fortaleza: Stylus, 1991